

- Início
- Património Cultural Imaterial
- Eventos
- Exposições
- Acervos
- Inventário

Saber Fazer

Conhecimentos e modos de fazer enraizados no quotidiano das comunidades.

Colecta e Caça

- Falcoaria
- Montaria do Javali

Designação: Falcoaria

Freguesia: Salvaterra de Magos

Concelho: Salvaterra de Magos

Distrito: Santarém

Data de 2015

recolha:

Inventário PCI

Falcoaria

Ver vídeo

Resumo

A falcoaria é uma modalidade de caça praticada em Portugal desde o séc. XII e assinalada no território desde a fundação da nacionalidade. Praticada por homens e mulheres um pouco por todo o país, a quem se dá o nome de falcoeiros, a sua prática manteve-se, em grande parte, inalterada ao longo dos séculos. Ainda hoje os falcoeiros utilizam técnicas, nomenclatura e materiais que distinguem esta prática ancestral. O respeito pela ave de presa, pela presa e pela Natureza são fundamentos de cada falcoeiro. A beleza do lance de caça é o valor máximo da falcoaria.

Transcrição

Transcrição literal

Caraterização

Caraterização

A falcoaria consiste na utilização de aves de presas treinadas para a caça de animais selvagens no seu ambiente natural. Para isso o falcoeiro tem de munir-se de conhecimentos específicos sobre as aves de presa, o seu treino, sobre as espécies a capturar e seus habitats. O falcoeiro deve usar a sua sensibilidade e os conhecimentos desenvolvidos pela falcoaria, ao longo de séculos, para treinar a ave de presa e a manter em excelentes condições. Isto envolve cuidar da sua saúde e melhorar continuamente a sua condição física. Depois do processo de treino, falcoeiro e ave de presa, forjam uma parceria única. No ambiente natural das suas presas esta parceria procura vencer as estratégias naturais de fuga da presa para conseguir a sua captura. O valor mais elevado nesta demanda é o da beleza do lance de caça e não a da captura da presa.

Sobre a Prática da Falcoaria

"Na prática distingue-se entre o alto-voo e o baixo-voo:

O **alto-voo** é o mais espetacular e também o mais difícil, o mais exigente e o que reúne um maior número de condicionalismos, a par de uma menor rentabilidade na captura de peças. Neste tipo de lance são usados falcões que perseguem as suas presas no ar durante grandes distâncias e muitas vezes a grande altura. Este foi, pela sua beleza, o lance clássico da falcoaria europeia. O falcão necessita estar nas melhores condições físicas para conseguir superar a sua presa, uma vez que muitas das capturas dão-se em pleno voo.

A **altanaria** é considerada uma vertente do alto-voo. Neste lance, o falcão é solto antes da peça de caça levantar voo, de modo a que ascenda sobre o terreno de caça - "remontando" - até se colocar bem alto (na ordem da centena de metros), onde aguardará descrevendo pequenos círculos ou "tornos". Ao levantar-se a caça, o falcão cai do céu num perfurante e rapidíssimo voo picado, podendo atingir velocidades próximas dos 300 km/hora. A maioria das capturas ocorre em voo, mas ocasionalmente algumas presas são mortas por impacto. Esta modalidade requer grandes espaços abertos, pouco arborizados. Caçam-se aves como corvídeos, patos, perdizes e faisões.

Em **baixo-voo**, o lance é mais simples e produtivo na cobrança de peças de caça, mas não menos dinâmico. Neste tipo de lance, a ave caçadora é lançada diretamente do punho enluvado do cetreiro (ou de um poleiro proeminente) no encaço da peça de caça já em voo ou corrida. Depois desenvolvem-se todos os movimentos de fuga e perseguição. Quando a ave alcança a presa geralmente produz-se "o agarre", tendo nesse momento a ave de demonstrar grande bravura e mestria para abater a sua presa. As aves de presa geralmente usadas nesta variante são açores, búteos ou águias. Para esta modalidade, qualquer terreno é adequado: planura ou montanha, bosque, ribeira ou campina, podendo caçar-se tanto "pena" (patos, perdizes, faisões) como "pelo" (lebres e coelhos bravos).

Texto da Associação Portuguesa de Falcoaria in <http://www.apfalcoaria.org/> (23-02-2015)

Ler mais - ver texto completo no Documento PDF abaixo

Ver + info

Origem / história

Falcoaria

Não sendo possível apontar com precisão uma data para o início da prática da Falcoaria, podemos balizar o seu aparecimento como uma forma de subsistência, utilizada pelo Homem, que desempenhava um papel de espectador ativo, assistindo à forma eficaz com que falcões e outras aves de presa capturavam outras espécies, muitas vezes de porte superior ao seu. Com o passar do tempo, o Homem

percebe que ao invés de roubar as presas aos falcões, seria mais vantajoso treina-los a devolvê-las, sendo a partir de então possível falar-se de Falcoaria, momento em que surge a interação entre Homem e Falcão. Ao Homem compete não só o adestramento dos falcões, como o seu bem-estar e segurança. Do falcão espera-se que utilize as suas verdadeiras e naturais qualidades de predador, em prol desta equipa, onde lhe cabe o papel de intermediário, aguardando a recompensa pelo seu desempenho. Podemos apontar algumas datas, em que, seguramente, já se caçava com aves de presa. O primeiro exemplo é o de um baixo relevo assírio, onde está representado um homem com uma ave no punho, encontrado nas ruínas de Korsabad, durante as escavações ao Palácio de Sargão II. Este é o mais antigo testemunho iconográfico que se conhece sobre falcoaria, podemos apontá-la como uma arte que se pratica, pelo menos, desde o ano de 1400 a. C. No Egito, os falcões surgem como uma representação da re-encarnação divina do Deus Horus, Deus da Lua, do Sol e dos Faraós (Crespo, 1999: 7). Sabemos que era um animal sagrado, que não era utilizado para a caça, mas acreditavam que a sua imagem transmitia força e proteção, funcionando como amuleto da sorte. Segundo M. S. Baêna e J. M. Bravo (Oito Séculos de caça em Portugal, Eurolitho: Lisboa, 1998), a chegada desta arte à Península Ibérica tem dois focos de disseminação: um a norte a partir da Europa Central, através dos Visigodos (séc. V) outro a Sul, com os povos do Norte de África (Berberes) e do Médio Oriente (Árabes). As primeiras referências a este tema datam do ano de 506, quando as autoridades eclesiásticas proibem o Clero de praticar Falcoaria (Crespo, 1999: 63). A Idade Média, sem dúvida, época de Ouro da Falcoaria em Portugal, assumiu na Europa uma técnica própria, incrementada tanto pelas elites como pelos grupos populares. Foi também durante este período que a falcoaria deixa de ser uma simples forma de caça e passa a ser uma das distrações prediletas da nobreza, ou, como dizia Fernão Lopes, "folgança e desenfadamento de príncipes e reis" segundo a descrição de (Crespo, 1999: 12). **Ler mais ver texto completo no Documento PDF acima**

Ver bibliografia

Identificação

Domínio

Conhecimentos práticos da Natureza e universo

Categoria

Colecta e caça

Denominação

Falcoaria.

Ano nascimento

1991

Individuo ou grupo

Falcoeiros individuais; Associação Portuguesa de Falcoaria

Profissão

Não se aplica

Contexto de produção

Comunidade ou grupo

Falcoeiros individuais; Associação Portuguesa de Falcoaria

Fundação do grupo ou comunidade

1991 (APF)

Detentor de direitos

Comunidade de falcoeiros

Descrição de direitos

Os direitos coletivos são de tipo consuetudinário.

Medidas de salvaguarda

Melhoria da legislação relativa à caça que regula a prática da falcoaria; Melhoria da legislação relativa à detenção e registo das aves de presa; Implementação de um programa formal de preparação para a prática da falcoaria; Implementação de medidas de proteção das presas e habitats naturais; Inventariação e divulgação do património associado; Realização de cursos de iniciação; Realização de cursos temáticos; Realização de encontros formais e informais de divulgação da prática; Desenvolver programas de promoção social, em especial para crianças em idade escolar; Realização de um programa de atividades da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos; Demonstrações, para os visitantes da Falcoaria Real, das aves de presa que aí se encontram; Introdução de melhorias no programa museológico da Falcoaria Real; Apoio a acções de preservação e investigação sobre as aves de presas e seus habitats; Criação de um centro de documentação sobre Património Imaterial, incluindo a Falcoaria.

Riscos identificados

A falcoaria tem mantido a sua forma tradicional ao longo dos anos, alterando-se contudo o contexto social e alguns materiais dos instrumentos utilizados. A comunidade de falcoeiros não considera a prática em risco ou ameaçada, mas são importantes ações de salvaguarda para manter e para transmitir este saber. Os conhecimentos e práticas encontram-se atualmente asseguradas por cerca de 50 falcoeiros que estão no ativo e pela Associação Portuguesa de Falcoaria (com 150 associados).

Contexto territorial

Local

Salvaterra de Magos

Freguesia

Salvaterra de Magos

Município

Salvaterra de Magos

Distrito

Santarém

País

Portugal

Contexto temporal

Data do registo

2013

Periodicidade

Não se aplica

Património associado

Património Cultural Imaterial

Caçadas conjuntas, encontros de falcoeiros. Saber associado à arte de construção de materiais e acessórios (de criação, treino e caça) - Aljaveira; Caparão; Luva; Piós.

Património Material

Falcoaria Real (Salvaterra de Magos) e Pombais

Equipamento e acessórios de criação, treino e caça (Alcândora; Aljaveira; Apito; Arco; Avessada; Banco; Banho; Balança; Caparão; Cascavéis; Faca-de-caça; Fiador; Luva; Malhos; Piós; Rol.)

Património natural

Aves de presa, espécies cinegéticas, habitats naturais.

Contexto de transmissão

Estado da transmissão

activa

Descrição da transmissão

Aprendizagem formal Aprendizagem informal Aprendizagem combinada oralidade/escrit Com recurso a espaço natural

Agentes de transmissão

Todos os falcoeiros devem ser considerados como agentes de transmissão da prática da falcoaria. Associação Portuguesa de Falcoaria.

Transmissão ocorre, maioritariamente, por transmissão directa de conhecimentos entre os aprendizes e falcoeiros com experiência. Existe alguma bibliografia sobre falcoaria que permite aos aprendizes apreender algumas noções básicas sobre a arte. A associação portuguesa de falcoaria e algumas empresas privadas promovem cursos de iniciação à modalidade. Os conhecimentos são testados com a realização da prova de admissão à carta de caçador pelo governo de Portugal.

Idioma

Português

Equipa

Registo vídeo / audio

José Barbieri

Entrevista

Filomena Sousa

Inventário PCI - Memória Imaterial CRL

Saber tradicional

- Actividades Transformadoras
 - Colecta e Caça
 - Corpo e Vestuário
 - Criação e Utilização de Animais
 - Cozinha e Alimentação
-

Contatos

Memória Imaterial, CRL

mail: memoriaimaterial@gmail.com

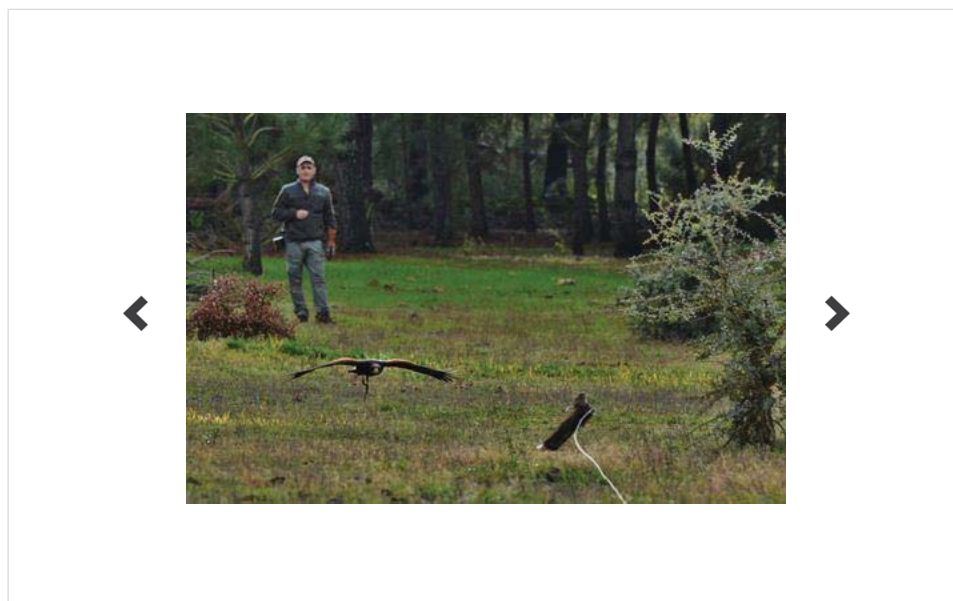
tel: 962619496 | 918107756

Creative Commons

Inventário Nacional (/MatrizPCI.Web/pt-PT/InventarioNacional/Index)

| Pesquisa Avançada (/MatrizPCI.Web/pt-PT/InventarioNacional/PesquisaAvancada) | Detalhe PROC/0000000035

Ficha de Património Imaterial



N.º de inventário: PROC/0000000035

Domínio: Competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais

Categoria: Coleta e caça

Denominação: Falcoaria

Contexto territorial:

Local: Portugal

Concelho: Salvaterra de Magos

Distrito: Santarém

País: Portugal.

Caracterização síntese:

Caracteriza-se falcoaria como a arte de caçar, utilizando aves de presa treinadas para capturar outras espécies. A falcoaria consiste na utilização de aves de presas treinadas para a caça de animais selvagens no seu ambiente natural. Para isso o falcoeiro tem de munir-se de conhecimentos específicos sobre as aves de presa, o seu treino, sobre as espécies a capturar e seus habitats. O falcoeiro deve usar a sua sensibilidade e os conhecimentos desenvolvidos pela falcoaria, ao longo de séculos, para treinar a ave de presa e a manter em excelentes condições. Isto envolve cuidar da sua saúde e melhorar continuamente a sua condição física. Depois do processo de treino, falcoeiro e ave de presa, forjam uma parceria única. No ambiente natural das suas presas esta parceria procura vencer as estratégias naturais de fuga da presa para conseguir a sua captura. O valor mais elevado nesta demanda é o da beleza do lance de caça e não a da captura da presa.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO

PROPONENTE

PROCESSO INVENTARIAÇÃO

OBSERVAÇÕES PÚBLICAS

António Pedro de Sousa Leite - O Bispo de Lamego D. João da Costa e a sua copilação de livros de cetraria no manuscrito Sloane 821 do Museu Britânico [sep. Bol. Academia Port. Ex-Libris], Academia

Augusto Abreu Lopes Cepeda - Á volta da falcoaria, Penafiel, Rotary Club, 1994

C. M. Baeta - Dois documentos sobre falcoaria o tempo de D. Dinis, [sep. Gazeta das Aldeias, Porto, 1968

C. M. Baeta - Subsídios para a história da falcoaria em Portugal, [Sep. Bol. Soc. Geografia Lisboa, 1983], 1984

Carlos Crespo - A arte de falcoaria, INAPA, 1999

Carolina Michaëlis de Vasconcelos - Mestre Giraldo e os seus tratados de alveitaria e cetraria : estudo literario para o futuro dicionario etimológico das línguas românicas peninsulares, [sep. rev. Lusitana, vol. XIII, nº3 e 4, 1910] Imprensa Nacional, 1911

Diogo Fernandes Ferreira séc. XVII "A Arte da Caça de Altanería, 1616.

Domingos da Costa - copista - Livro de cetraria e experiencias de alguns caçadores [Manuscrito]: primeiramente fala nas plumagens das aves por onde se conhecem he como se hão de tratar he fazer, segundo nas doenças e sinais em que se conhecem e remedios com que se curam, 1617

Falcoaria real: exposição temporaria realizada no Museu Nacional dos Coches de 17 de Novembro de 1989 a 17 de Janeiro de 1990, Museu Nacional dos Coches, 1990

Gunnar Tilander - Dois tratados portugueses inéditos de falcoaria : Livro que fez Enrique emperador d'Alemanha e Livro que fez o mui nobre Rei d'Ancos publicados com Phisica Avium, Karlshamn: E. G. Johanssons Boktryckeri, 1966

Mário Martins - Experiência e conhecimento no livro da Falcoaria, [Sep. Rev. Port. Filosofia, 28], Braga, 1972

Nuno de Sepúlveda Velloso - Memória com vista à criação de um centro de cetraria e de estudos e reabilitação de aves de presa de Portugal, Dir. geral Recursos Florestais, 1977

Pero Menino - [Livro de Falcoaria] [Manuscrito] / introd. notas e glossário Rodrigues Lapa, Coimbra, Impr. da Universidade, 1931, LXVII, 91 p. / reed. Coimbra, Impr. Universidade, 1999.

Almeida, A. V. (Setembro de 2011). Salvaterra - Memórias de um Concelho. O Controle de Pragas com Aves de Presa, p. 20.

Maria Helena da Cruz Coelho & Carlos Guilherme Riley - Sobre a caça medieval. In Estudos Medievais. Porto: Centro de Estudos Humanísticos. Secretaria de Estado da Cultura - Delegação Regional do Norte, 1988

(1989). Falcoaria Real : Exposição temporaria realizada no Museu dos Coches. Instituto Português do Património Cultural.

Actualidades Ornitológicas On Line- nº 140. (Nov/Dez de 2007). Aspectos da História da Ornitologia - Um voo ao passado (primeira parte até 1850).

Almeida, A. V. (Setembro de 2011). Salvaterra - Memórias de um Concelho. O Controle de Pragas com Aves de Presa, pág. 20

Antunes, A. M. (1987). Comunicações apresentadas ao I Colóquio sobre História Regional e Local do Distrito de Santarém. Salvaterra de Magos na 1ª Metade do século XIX, 457-477. (E. S. Santarém, Ed.)

Baêna, M. S., & Bravo, J. M. (1998). Oito Séculos de Caça em Portugal. EUROLITHO, Impressores Gráficos, Lda.

Bravo, J. M. (1982). A Propósito de Caça. Lisboa.

Cabral, C. M. (2009). Património Cultural Imaterial : Proposta de uma Metodologia de Inventariação. Lisboa.

Carapuço, A. (Setembro de 2011). Salvaterra - Memórias de um Concelho. A Falcoaria como Património Cultural da Humanidade - Unesco , p. 21., pág. 21

Convenção de Berna. (s.d.). Obtido em 28 de 8 de 2012, de Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas: http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ei/convBerna#_DirAvHab

Correia, J. M. (Novembro de 1964). Caça e tiro ao voo. Algumas notícias da Real Falcoaria de Salvaterra, pp. 10-13.

Correia, J. M., & Guedes, N. B. (1989). O Paço Real de Salvaterra de Magos - A Corte, a Ópera e a Falcoaria. Lisboa : Livros Horizonte.

Crespo, C. (1999). A Arte da Falcoaria.

Ergert, B. E. (1999). La caza a través de los siglos. In K. G. Bluchel, La Caza (pp. 64-161). Konemann

Ergert, B. E. (1999). Los Primeros Tratados de Caza de la Era Cristiana. In K. G. Bluchel, La Caza (pp. 102-131),. pág. 102-131

Estevam, J. (1959). Anais de Salvaterra - Dados Históricos desde o Século XIV. Lisboa: Couto Martins

Falcoaria, A. P. (s.d.). Curso de Iniciação à Cetraria

Gordalina, R. (1992/1993). Falcoaria do Antigo Paço Real de Salvaterra de Magos. Obtido de SIPA: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7942

Heritage, I. C. (2010). Conventions for the Safeguarding of the Inangible Cultural Heritage. Falconry, a living human heritage. Nairobi: UNESCO.

Hoepfli, U. (1906). Manuale del Moderno Falconiere. Milano: Editore Libraio Della Real Casa.

IAF. (2009). Falconry Heritage is Everywhere.

Instituto dos Museus e da Conservação, I.P. (1 de 2 de 2011). Obtido de www.imc-ip.pt.

Leiendecker, U. (1999). Cazadores e Cazados. In K. G. Bluchel, La Caza (pp. 10-63). Konemann.

Leite, P. (Setembro de 2011). A Falcoaria. Salvaterra - Memórias de um Concelho, p. 5.

Martins, M. (1972). Revista Portuguesa de Filosofia. (F. d. Filosofia, Ed.) Experiência e Conhecimento no "Livro de Falcoaria".

Melo, M. C. (1998). Coutadas Reais entre 1777 e 1824 : Poder, Gestão, Privilégio e Conflito. Lisboa: Tese de Mestrado : Faculdade de Ciencias Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Neves, B. (1 de Agosto de 1968). Dois documentos sobre a falcoaria do tempo de D. Dinis. Gazeta das Aldeias.

Neves, B. (1970). A propósito de três documentos sobre a nomeação para ofícios das Coutadas e Montarias Reais. *Gazeta das Aldeias*, 3-9, pág. 3-9

Neves, C. M. (1983). *Subsídios para a História da Falcoaria em Portugal*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa.

Niesters, H. (1999). El Noble Arte de la Cetraria. In K. G. Bluchel, *La Caza* (pp. 162-193)

Oorschot, D. J. (1974). *Vorsteliske Vliegers en Valkenswaardse*. (L. M. Acht, Trad.)

Oorschot, J. V. (1974). *Vorsteliske Vliergers en Valkenswaardse Valkeniers - Se der Zeventiende Eeuw*. (L. M. Acht, Trad.)

Osório, P. (2004). *Estudo Sintático - Axiológico do Livro de falcoaria de Pero Menino*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Portugal, C. N. (2001). *Património Cultural Imaterial*. Obtido em 2010, de Comissão Nacional da UNESCO - Portugal: http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul_tema.php?t=9

Saramago, A. (1994). Sintra: Colares Editora.

Silva, M. A. (Setembro de 2011). *Salvaterra - Memórias de um Concelho*. "De Arte Venandi cum Avibus", pp. 31-34.

Sousa, J. M. (1981). Aspectos sociodemográficos de Salvaterra de Magos nos finais do século XVIII. In *Análise Social* (pp. 315-373). Fundação Calouste Gulbenkian.

UNESCO. (2003). *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural e Imaterial*. Paris.

UNESCO. (2009). *Intangible Cultural Heritage. Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage - Basic Texts*. Paris

UNESCO. (s.d.). *Falconry, a living human heritage*. Obtido em 25 de janeiro de 2011, de UNESCO: <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=en&pg=00011&RL=00442>

UNESCO. (s.d.). Operational Directives for the implementation of the Convention for the Safeguarding of the Intangible Heritage. Obtido em 25 de janeiro de 2011, de UNESCO: <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=en&pg=00026>

UNESCO. (s.d.). Text of the Convention for the Safeguarding of Intangible Cultural Heritage. Obtido em 1 de fevereiro de 2011, de UNESCO: <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=en&pg=00022>

Leite, Patrícia, Falcoaria Real Processo de Inclusão ao Património Cultural e Imaterial da UNESCO (tese de mestrado em museologia) Évora, 2012

Associação Portuguesa de Falcoaria 82013). Questionário – Medidas de Protecção da Falcoaria em Portugal. Não publicado.

Associação Portuguesa de Falcoaria (2015). Associados da APF – Quem somos, onde estamos e o que fazemos. Não publicado.

Guedes, Natália Correia – Coord. (1989) Falcoaria Real : Exposição temporaria realizada no Museu dos Coches. Instituto Português do Património Cultural.

Ferreira, Diogo (1616). Arte de Caça de Altanería. Lisboa. Livros Horizonte

Fox, Nick (1995). Understanding the Bird of Prey. Hancock House

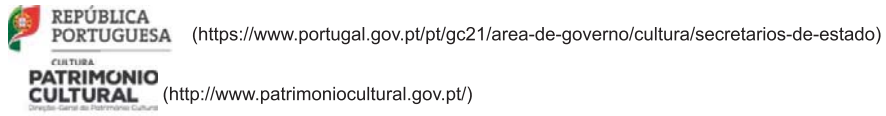
Gordalina, R. (1992/1993). Falcoaria do Antigo Paço Real de Salvaterra de Magos. Obtido de SIPA: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7942.

Leite, Patrícia (2013). Falcoaria Real: Processo de inclusão ao Património Cultural e Imaterial da UNESCO, Dissertação de Mestrado em Museologia apresentada na Universidade de Évora.

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (2016). Manual para Exame Carta de Caçador. Lisboa

Menino, P. (1931). Livro de Falcoaria de Pero Menino. (R. Lapa, Ed.) Coimbra: Imprensa da Universidade.

Pereira, Pedro; Godinho, Carlos; Roque, Inês; Rabaça, João (2015). O Montado e as Aves: boas práticas para uma gestão sustentável, Ed. C.M. Coruche & Universidade de Évora.



[Contactos \(/MatrizPCI.Web/Pages/Contactos\)](#) [Mapa do Site \(/MatrizPCI.Web/Pages/MapaSite\)](#) [Ficha Técnica \(/MatrizPCI.Web/Pages/FichaTecnica\)](#) [Login \(/MatrizPCI.Web/Account/Login\)](#)